2.ª SERIE. TOMO I.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS — AGRICULTURA — INDUSTRIA — LITTERATURA — BELLAS-ARTES — NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

8.º ANNO. QUINTA FEIRA, 16 DE NOVEMBRO DE 1848. N.º 2.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Meios que a Revista empregará em beneficio da Agricultura.

17 Entre as varias partes de que se compõe o plano d'este Jornal, é a agricultura uma das que mais deve chamar a attenção dos que se interessam no tão indispensavel desenvolvimento da prosperidade publica.

Escolheu-nos Deus para sermos um povo agricultor, e nós, fechando os olhos á luz da rasão, andâmos perdidos por montes e valles, procurando o oiro, longe da mina abundante, que jaz completamente abandonada, e sem que a explorem.

É mister mudar de rumo; e aos que assim andam desvairados deve servir de guia, como se fôra estrella do norte, a luz d'esse astro com que a civilisação allumia ao mundo, e ao qual se chama *imprensa*.

O Jornal, fio electrico, que leva o pensamento da extremidade de um paiz á que lhe fica opposta, que, mais longe ainda, o conduz de um cabo do mundo ao outro, não póde ser indifferente ao clamor geral com que o cercam, pedindo-lhe conselho e allivio para as crises, que teem as suas causas principaes no amago da organisação economica do paiz.

Em tal situação o jornalista renegará dos dogmas fundamentaes do seu apostolado, se, arredando a vista dos males da patria, se elevar para as regiões das theorias unicamente especulativas, ou para a esteril ostentação de conhecimentos, que se não podem applicar nem avaliar no paiz em que escreve.

O nosso fim, redigindo a Revista, não é escrever, porque este acto seja indispensavel para encher semanalmente algumas columnas de um jornal.

Ser-nos-hia commodo o andar por um campo, onde só desabrochassem as flores das artes e das lettras, sem nunca encontrarmos as questões que abrangem o segredo da vida de um povo, e que não podem ser consideradas sem grave responsabilidade, e muitas vezes sem o risco de vêr calumniar ou perverter as mais puras e acertadas intenções.

O dever e a consciencia nos impõem outros deveres, que tractaremos de cumprir sem attenção a considerações, que nos pretendam impedir a franca exposição do que pensâmos ácerca dos nossos interesses economicos. E cabe aqui uma reflexão.

Os partidos politicos, pela indole das suas discussões, pela ambição que mais ou menos lhes cega por vezes a rasão, descem a cada passo da discussão dos principios para a discussão das pessoas; e quanto mais o habito os leva para a analyse do individuo, como substituição da analyse do pensamento, mais distantes lhes vão ficando os pontos de que se avista a aurora regeneradora de uma nação, que, na sua posição geographica e nas circumstancias physicas da sua existencia, possue recursos certos para o seu engrandecimento.

No meio d'esse temporal desfeito, em que luctam os elementos das varias parcialidades, podem brilhar as côres esperançosas de um iris de paz, que ao seu reflexo podesse ver apertados cada vez mais os laços, que devem unir os filhos da mesma terra como se fossem irmãos, creados pelo leite da mesma mãe, e deitados durante a infancia em um só berço.

A Revista deseja ser esse signal de abençoada reconciliação: e para que tão grande fim se alcance, não deixaremos de empregar os meios que forem mais adequados.

Nem só de nós depende tudo. E é por este motivo que appellamos para quantos lerem este jornal, e souberem de um alvitre que se deva adoptar, de uma experiencia de que venha bom resultado, de uma noticia que possa servir de exemplo, do que diga respeito ao estado da producção de qualquer genero, ou das variações dos seus preços, — que nos communiquem todas estas circumstancias, para que haja no paiz um ponto onde se encontre a reunião completa dos factos que se referem ao que mais interessa á maxima parte do paiz.

Vae para oito annos que a Revista continuadamente se empenha em vulgarisar este systema de mutuo auxilio, que tanto póde concorrer para o melhoramento da nossa agricultura; mas com pesar haverá quem observe, que nem todos quantos o podiam fazer, concorreram ao chamamento, que não excluia ninguem.

Em a nova serie, que a Revista está começando, foi este um dos assumptos que mais tomámos em conta.

O favor, com que o publico se tem dignado ace-

lhe o principio d'esta Serie, e que nós tomâmos como prova de que, á falta de outros meritos, tem querido premiar, pelo menos, os bons desejos que tivemos de sustentar o antigo credito da REVISTA durante o 7.° volume, em que tivemos a honra de a começar a redigir, nos impõe ainda mais rigorosa obrigação de não poupar um só recurso, para que esta parte do jornal corresponda ao que d'ella exigem as necessidades do paiz.

Não nos faltam jornaes estrangeiros, que nos tragam novas de quanto lá por fóra se invente ou aperfeiçõe, que deva aqui ser conhecido; mas tambem este meio, que por nós será tão aproveitado como quanto possuimos em virtude do proprio entendimento, não bastará ainda, sem o concurso de todas as vontades, que mui francamente convocâmos para esta cruzada pacifica, mas que não deixa de ser honrosa.

Não se cuide que é mister estylo, ou pratica de escrever para o que com tanta instancia pedimos aos nossos leitores. Em taes pontos o estylo é o menos; haja materia e vontade de a fazer conhecida, que o resto, bem ou mal, ficará por nossa conta.

Para levar ao cabo o pensamento de reunir nas columnas da REVISTA não só as noticias agricolas dos varios pontos das Provincias, mas tambem o resultado de experiencias feitas ou que se hajam de fazer, não teremos duvida em pessoalmente nos dirigirmos ás pessoas que n'este proposito mais nos possam auxiliar; mas, na impossibilidade de as descobrir a todas, e receando exclusões, que por modo nenhum seriam feitas, tomamos a resolução de por este meio fazer bem publico o convite, que fica feito só com a simples leitura d'este artigo, e a qual tambem pedimos que sirva de manifestação dos nossos mais ardentes desejos, com referencia aos illustres cavalheiros que em alguns dos districtos do Reino se dignaram ser nossos correspondentes; de modo identico desejâmos que o considerem os que, nos districtos restantes, nos animam a esperar, pelo seu amor á patria, que do mesmo modo se prestarão ao que por nós lhes foi pedido, com o auxilio e recommendação de amigos nossos que, por favor singular que nunca poderemos esquecer, com a maior boa vontade e verdadeiro empenho empregaram a sua influencia em favor da Empreza da REVISTA, que não é, pelos seus fins e meios que emprega, senão uma *Empreza* de Utilidade Publica.

Por ultimo, as nossas intenções ficam bem patentes, ponderando que — nem só no muito que nos interessâmos n'esta parte do jornal, no auxilio que temos na abundante e escolhida collecção de jornaes estrangeiros de que estamos fornecidos, nas regulares communicações dos nossos illustres correspondentes—pomos a esperança de ver crescer a variedade e o interesse dos artigos agricolas; como tambem no animo verdadeiramente portuguez de quantos nos lerem, pois que o nosso fim, ao abrir este caminho para os melhoramentos agricolas, consiste em que consideremos cada leitor como um correspondente, e esperâmos que nenhum deixará de nos communicar o que, estando contido no plano d'este jornal, possa servir de exemplo para que outros lhe façam saber coisas que de todo ignora.

A efficacia, com que seguidamente nos entregaremos ao estudo de quanto se refere á nossa agricultura, do que irão servindo como de prova os numeros subsequentes, será o unico e fraco tributo com que podemos agradecer o favor, que esperâmos das pessoas a quem dirigimos tão amplo convite, a bem da nossa Agricultura, ameaçada de uma decadencia completa.

A contrafacção no Paiz.

18 TEMOS por costume escrever, quando é mister defender um principio, ou expôr francamente qualquer das nossas crenças.

Não foi, nem será nunca proposito nosso, redigindo este ou outro Jornal, publicar artigos que não tenham a sua base no pensamento, ou no coração.

O que ácerca da propriedade litteraria escrevemos no volume anterior, estava perfeitamente nessas circumstancias.

Ao entrarmos na vida de jornalista, para logo alçámos o pendão do mais rigoroso respeito para com a propriedade litteraria, e affoutamente nos honramos em declarar que ninguem a tem respeitado mais do que nós.

Atalaia constante na defensa desse direito, pouco se nos dá de que a nossa voz tenha clamado no deserto, menos ainda attendemos para o que fariam alguns dos nossos collegas se fôra mister o seu auxilio para havermos justiça contra qualquer expoliação que nos fosse feita.

Acima de tudo está o dever, e este será sempre o guia das nossas acções.

Acabamos de vêr com pasmo, que o *Madeirense* começa a publicar seguidamente o *Odio velho não cança*, romance historico de um dos redactores da *Epocha*, o Sr. Rebello da Silva.

Sentimos que este facto nos obrigue a fazer tal reparo em referencia ao *Madeirense*, jornal que muito merece as nossas sympathias.

O *Odio velho não cança* é um romance de muito estudo, e de bastante merecimento. O auctor mui judiciosamente o não quiz deixar ficar na brilhante mortalha, em que as paginas de um jornal se convertem, para producções que são destinadas tanto ao futuro como ao presente, e começou uma edição separada em volumes. ¿E agora que será feito do capital intellectual e physico empregado nesta obra, se a podem reproduzir em qualquer parte, e sem sua annuencia?

Pensem bem neste e em outros factos, todos quantos podem prestar o auxilio de que está carecendo a nossa litteratura, e vejam se as coisas podem assim continuar.

Como a contrafacção é um facto complicado, e que por muitos modos póde illudir a lei que a queira evitar, ousamos lembrar ao Governo um meio de que se deve lançar mão sem muita demora.

Nomee-se uma commissão de homens competentes, e de alguns interassados na materia, e o Governo incumba-lhe a confecção de um Projecto, que na proxima legislatura se converta em lei.

Quanto a nós temos a opinião, escorada com a de alguns jurisconsultos respeitaveis, de que o direito

de propriedade litteraria não carece de lei para se reconhecer, mas unicamente para se limitar; e é um ramo de direito commum, tão sagrado como elle, e cuja violação é sempre um roubo.

É esta a nossa opinião na imprensa, sel-o-ha nos tribunaes se um dia tivermos necessidade de lá ir buscar justiça contra os attentados, que se façam ao fructo do nosso trabalho, ou dos nossos capitaes.

Cultura do Sesamo (Gergelim).

PLANTA OLEAGINOSA.

19 ENTRE os productos agricolas que Portugal poderia tirar do seu fertil sólo, e exportar para fóra do paiz, o azeite devia ter um dos primeiros logares.

Entretanto, ou seja em consequencia de seu proprio consumo, ou das diminutas colheitas, o certo é que Portugal não exporta talvez annualmente mil pipas de azeite.

O consumo pois do azeite no paiz, sendo grande, faz com que se deva procurar animar a cultura das plantas oleaginosas. cujos productos servem ás artes.

O cultivo destas plantas offerece grandes vantagens á agricultura, ou seja como meio de alternar as culturas, ou seja para se obterem forragens, e estrumes.

A variedade das sementes oleaginosas é bastantemente extensa, exigindo muitas um clima temperado como o de Portugal.

Entre estas ultimas, o sesamo (gergelim) é uma das que mais contém materias oleosas.

Cultivada em ponto grande na Syria e na Turquia, onde tambem se dá a oliveira, esta planta é objecto de um commercio importante. O oleo, que della se extrahe, e que é excellente para a fabricação do sabão, é exportado principalmente para a Italia e para Marselha.

Esta ultima cidade importa, no valor de muitos milhões de francos, esta planta preciosa, para lhe extrahir os oleos por meio de possantes machinas de vapor.

Creio haver demonstrado que a agricultura portugueza tiraria grandes vantagens do cultivo de uma planta, que se daria bem nas provincias do sul deste reino. O fabrico do azeite de sesamo melhoraria o do azeite de oliveira, que vem mais tarde, pois que as machinas, que se empregam hoje, são de tal maneira pouco expeditas, que em consequencia desta demora, que soffre o fabrico do azeite, as machinas se deterioram, e estragam por consequencia o azeite, que nellas se faz.

O sesamo é uma planta que se não arreceia dos calores. A sua haste eleva-se nas boas terras até cinco pés de altura. Até os terrenos mediocres levemente estrumados lhe convém.

As folhas, que começam a apparecer á altura de 8 ou 9 pollegadas do sólo, tomam uma grandesa de 3 a 4 pollegadas de largo sobre 5 ou 6 de comprido; em consequencia disto a semente deve ser lançada á terra de distancia em distancia, para que os ramos, que dão as flores e depois as capsulas, que conteem o fructo, possam desinvolver-se e crear-se á vontade.

Cada haste dá, termo medio, 100 capsulas, contendo cada uma 52 a 64 grãos.

Deste grão é que se extrahe o azeite.

A sementeira desta planta faz-se no fim das chuvas, ou para melhor dizer no meado Abril; — deve-se ter o cuidado de fazer com que as sementes fiquem bem cobertas pela terra.

A terra deve ser bem lavrada, a fim de que as raizes do sesamo possam estender-se livremente, e adquirir força bastante para manter direita a haste, que, carregada no alto de capsulas, poderia tombar pela acção dos ventos, ou das chuvas.

As flores apparecem em Julho, e a semente só se acha feita nos fins de Agosto.

Conhece-se que o sesamo está maduro, quando as folhas começam a seccar, a casca a perder a sua côr verde, e as capsulas a principiarem a fender-se.

A colheita ha-de se effectuar antes de estarem de todo maduras, para evitar a perda das sementes que possam espargir-se pela terra no acto de se arrancarem as hastes. Estas formam-se em molhos, que se deixam ao sol, para acabar de amadurecer as sementes, o que se conhece, quando de brancas, que são, se teem tornado amarellas como o milho.

Para se tirarem as sementes das capsulas emprega-se o mesmo processo, que se usa para o descasque do milho.

O sesamo conserva-se muito tempo nos celleiros, e póde ser exportado dentro em sacas.

Convém aqui observar que ha sempre vantagem em extrahir o azeite, logo depois da colheita, porque as sementes neste tempo dão mais azeite, os residuos servem para estrume, ha economia de transportes, e o custo da mão de obra, fica no paiz.

J. Blanchet.

PARTE LITTERARIA.

SACRIFICIO HERDADO.

20 HA poucos annos que ouvi a historia que vou contar.

Vivia, em Lisboa, no convento de ***, uma das senhoras mais formosas que tenho conhecido.

Girava-lhe nas veias sangue de alta nobreza: e a aspa da bastardia, que lhe cortaria o brazão se vivesse no mundo, poderia, em tal caso, ser substituida pela palma do martyrio. Só assim a nobreza do valor que illustrára seu pae, poderia ligar-se á nobreza, com que a virtude e a resignação honraram a triste memoria de sua mãe.

Entre os restos de uma antiga communidade se ía finando uma das mais perigrinas formosuras offerecidas ao culto divino.

Muitas vezes observei que a esperança animava ainda a frouxa luz, que mal podia luctar

com as trevas de que a cercaram os desgostos continuados e pungentes.

Em um formoso dia de inverno, ao cabo de um largo passeio, lembrei-me de ir visitar esta respeitavel senhora.

Entrei na *Portaria* do convento, já quasi arruinada, e vi alguns pobres carpindo suas magoas.

Admirou-me o encontro.

Talvez dentro d'aquellas paredes houvesse muitas vezes mais fome, do que na poisada dos mendigos que alli estavam.

Todos os pobres se alegraram muito quando entrei.

Uma velha, que estava mais perto da *Roda*, murmurou tão alto a oração que rezava, que mui perfeitamente se lhe distinguiam todas as palavras.

Perguntei-lhe por que motivo começára a rezar com tanto fervor.

— « Ai, meu devoto, hoje é dia grande n'esta caza... Só faltava isto. »

— « Então que novidade houve? »

— « Elegeram a Prioreza: a escolha não podia ser melhor. — Olhe, alminha de Deus, santa como aquella, ainda se não ajoelhou em côro de egreja. »

Emquanto a velha proferia estas palavras, começou a erguer-se um pobre, que me parecia um monte de trapos a desenrolar-se. Era o que se chama uma figura colossal; mas sentado parecia de mediana estatura.

Quando se embrulhou bem no capote, formado de centenares de remendos, começou a commentar as palavras da boa velha.

— « Ora de que nos serve a bondade da escolha, se as freiras nem sequer teem com que dar um caldo á pobreza. »

Olhou para mim como quem observa alguem com attenção.

Confesso que não posso resistir á força das sympathias e antipathias; e tanto me havia agradado a pobre, com quem travei conversação, como me desagradou aquelle rosto redondo e macilento, encravado, por assim dizer, nas madeixas de cabello grisalho que lhe cobriam toda a cabeça, até se unirem com a barba, mui basta e da mesma côr.

Ao acabar o exame, que o obrigára a fitar em mim os olhos pardos e vivos, abriu os beiços descórados e sorriu, mostrando os dentes alvos e regulares.

— « Adeus rapaziada, ficae-vos em paz. — Vou-me por essas ruas abaixo, que já estou farto de tocar ás almas. » — E sem me pedir esmola, nem dizer mais nada, foi caminhando para a porta.

O capote arrastava-se pelo chão, e não permittia que eu visse os alicerces de um tal gigante. Notei que o ladrilho parecia estalar debaixo dos tamancos do mendigo.

Quando elle sahiu, a velha fez o signal da cruz sobre o coração, e, não se contentando com isto, disse:

— « Credo! Anjo Bento! Deus me conserve sempre longe d'este e d'outros que taes! Não ha de ser sem fé que elles poderão chegar á minha edade. »

Dois rapazinhos meio nús, tambem a seu modo se declararam pela opinião da velha; e foram seguindo o pobre fazendo-lhe figas.

Um dos rapazes era muito endiabrado. A mãe, mal que os viu seguir o pobre, levantou-se logo, e agarrou-se aos farrapos que vestia o mais esperto, emquanto chamava pelo outro em altos gritos.

Intercedi com a pobre para que deixasse os filhos; mas as mulheres começaram a fazer uma tal ingresia, que nem eu as entendia.

— « Oh! aquillo não é homem, é o démo! »

— « Era capaz de os esmagar com os maldictos tamancos. »

— « Olha lá, se elle lhe désse, nem sequer Deus o salvava! »

— « Tem cabellos no coração. »

— « Tomára que o prendessem para o Asylo. »

Eu tinha batido duas vezes na *Roda*, mas ninguem me respondêra; bati pela terceira vez, até para interromper o côro de imprecações que iam começando a entoar contra o pobre, que devêra de estar distante.

Todos se calaram, menos a velha, que ainda continuou:

— « Eu te esconjuro, coisa má; Deus te leve para onde não faças perda. »

Pareceu-me improprio este rancor em tão avançada edade, e ousei dizer-lhe:

— « Ó irmã, para que está praguejando d'esse modo? »

— « Que ha de ser, meu bemfeitor, se eu, nem á mão de Deus Padre, posso levar á paciencia que percam a fé. Ás vezes todas estas irmãsinhas vão-se embora, e eu fico-me aqui n'este canto, com a bocca já quasi secca de rezar, e

sempre passando pelos dedos este rozario bento, e ainda Deus não deixou um só dia de se lembrar de nós: e tem acontecido que é já ao cahir da tarde, quando alguma boa alma vem dar a sua esmola a estas pobres freiras. E ellas, coitadinhas, logo chegam á *Roda*, e repartem com os que aqui estão o pouco que recebem.»

—«Quem você é, sei eu—disse uma cega, que, sentada em um banquinho, estava embainhando um lenço com toda a perfeição.—Veja se apanha alguma esmola com as suas lamurias, mas não diga mal do proximo. As mais se não ficam aqui até ás Trindades, é por isso mesmo que você diz.—Ora estejamos a morrer com fome todo o dia, para ao cabo metter um bocado de pão na cova de um dente.»

Durante esta observação, a velha começou a rezar um *Padre nosso*, e quando a cega se calou, estava ella já n'este ponto:

—«Assim na terra como no céu...—Oh! Sr.ª Brazia, não me metta a alma no inferno.»

—«Sabe que mais, não lhe importe as vidas alheias.»

Não tomei conta na altercação que entre as duas se começava a travar, porque ouvi perto da *Roda* uma voz debil e sonora.

Era a *madre rodeira* que chegava.

Disse-lhe o meu nome, e, poucos instantes depois, veio dizer-me que podia subir para a *grade*.

Dei alguns cobres aos mendigos ao sahir da Portaria, e ainda ouvi dizer a velha:

—«Então não estava eu dizendo isto—hoje foi um grande dia.»

(Continúa.)

Recordações da Peninsula.

O Veterano.

21 Eu sempre que falo das nossas façanhas,
Me sinto orgulhoso de ser Portuguez;
Que são ellas tantas, tão grandes, tamanhas,
Que nunca, que eu saiba, ninguem inda as fez.

Bem sei que ellas perdem do muito que valem
Em serem contadas, descriptas por mim:
Mas como ellas foram, bem poucos as sabem,
Não hei de deixal-as morrerem assim.

Vae nellas a honra, vae nellas o nome,
De nossos briosos, valentes avós:
Se a terra de ha muito seus ossos consome,
Do que elles fizeram lembremo-nos nós.

Lembremos, que os loiros por elle ganhados,
São delles, são nossos, são desta nação;
Nem ha quem possa trazer desherdados
De coisas que a fama deixou tradicção.

Chronista das velhas, antigas memorias,
O tempo mal póde fazel-as morrer,
Que foram selladas ao som das victorias,
De quem sempre soube na lucta vencer.

Vet'rano na honra, vet'rano na guerra,
Um velho soldado contou-me esta acção:
Que em versos traduzo por honra da terra
Que reina, que vive, no meu coração.

I.

Contar o conto seguido
Não sei eu se o contarei,
Que nestas coisas de guerra
Em que por vezes me achei,
Desfigura-se a verdade
Sem tenção e sem maldade.

Contar finuras das salas,
Repetir casos de amor,
Contados ainda de leve
Não lhes dou maior valor:
Que não ha honras perdidas,
Nem nisso p'rigam as vidas.

Fallando dos camaradas,
É como fallar d'Elrei;
Que foram todos valentes,
E portuguezes de lei;
Os de hoje são d'outra raça,
Melhor fôra não ter praça.

Vet'rano fiz as campanhas
Da guerra Peninsular,
As cicatrises do velho
Dão-lhe direito a ralhar,
Qu'inda agora se não dera
Ter aqui outra Albuera!

Doidices de velho tonto,
Que havia d'eu lá fazer.
Com setenta annos d'edade
Já não sou p'ra combater;
Olha quem! Todo ferido
Ficava logo tolhido!

Que senão... cala-te bocca,
Que me não sinto capaz,
Era bom falar altivo
Nos meus tempos de rapaz,
Agora... qu'importa a edade?
O valor dá mocidade.

Mas deixemos as bravuras
Que se não podem provar:
Aqui estão as cicatrizes
Que essas sim, podem falar,
São cinco, todas na frente,
A dizer que fui valente,

**

Valente não... fui soldado
Como foram todos mais,
Por essas terras da Beira
Deixámos vivos signaes.
Deixamos. Oiçam o caso
De um pobre soldado raso!

II.

Corria o segundo cêrco
Da praça de Badajoz;
Eram mais os defensores,
Mas menos bravos que nós.
Façanhas d'aquelle dia
Toda a gente as juraria!

Eu então inda era moço,
Era valente e leal;
Defendia as coisas santas
Da minha terra natal!
Em coisas desta valia
Não póde haver covardia.

Não póde, que é não ser homem,
E não ter um coração;
É renegar das bandeiras
De soldado e de christão,
É esquecer-se da terra
Que os ossos dos seus encerra!

Tinha então na companhia
(Que de lagrimas chorei)
Um amigo como ha poucos
Como eu nunca mais terei,
Morreu no cêrco, coitado!
Morreu a mim abraçado.

Inda agora me recordo
Do legado que legou;
Tenho uma filha innocente
Que sua mãe me deixou.
(Que grande dôr foi aquella)
Amigo! tem-me dó d'ella.

E morreu como um soldado
Sabe no campo morrer,
Se tem fé no que defende
Como elle sabia ter.
Oh! se tinha! era um modelo,
Bastava sómente vê-lo!

E eu jurei vingar-lhe a morte
Como se fôra de irmão:
Para m'ir nas avançadas
Pedi ao meu capitão:
Alcancei. Que elle sabia
Qual a dôr que me doía.

III.

Ao outro dia houve ataque
Como não me lembra vêr,
Mais renhido pelos nossos
Mais tenaz em defender!
N'aquelle troar profundo
Par'cia acabar-se o mundo!

Só a mim me não lembrava
Mais que a perda que soffri;
Atirei-me aos parapeitos
Tão cego que nada vi:
Se eu não tinha alli vontade
Que não fosse a da amizade.

Só me lembraram as ballas
Depois do fogo acabar,
Tinha já duas no corpo
Sem de tal me recordar:
Se as podéra ter sentido
Desejando haver morrido!

Francezes que lá ficaram
Á conta d'aquella acção,
Se chorou alguem por elles,
Só se foi Napoleão.
Para não terem amores
Bastavam ser invasores!

Eu por mim sem este braço
Já lhes não fazia mal;
Tinha-o perdido sem custo
Por este meu Portugal:
D'um mutilado vet'rano
Lhes não vinha a elles damno.

A cruz que tenho na farda
Custou-me bem a ganhar,
Compradas por este preço
Poucos as querem comprar:
Não sei que melhor mercado
Possa fazer um soldado!

Tive baixa do serviço,
Á minha terra voltei;
Não direi aqui a todos
Se no momento chorei;
Tinha alli junto comigo
A filha do meu amigo!

IV.

Por trinta annos fui soldado,
Bastantes terras corri:
Olhos pretos que ella tinha
Mais lindos inda os não vi.
Eram d'estes que fallavam
Mesmo quando se abaixavam!

Foi crescendo, foi crescendo,
Fez-se bonita sem par:
Com taes dotes quem podia
Vê-la uma vez sem a amar?
Eu por mim, mais era velho,
Não cria n'outro Evangelho.

Tinha mais fé n'aquelle anjo
De singello coração,

Do que nós tinhamos tido
Na guerra do Rossilhão.
É que em ter grandeza d'alma
Ninguem lhe levava a palma.

Casou-se. Fiquei sósinho,
Sem que no meu funeral
Haja quem conte aos visinhos
O que fiz por Portugal!
Morrerei tão deslembrado
Como vivi em soldado.

Morrerei como quem serve
Com disvelo o seu paiz;
Que as honras cá n'este mundo
Parecem ser só dos vís:
Eu por mim, pobre vet'rano,
Já colhi o desengano.

Testamento não n'o tenho,
Que morro como vivi,
Como morrem os que servem
Com zelo como eu servi:
Que só pedem, como eu peço,
Se não esqueçam de mi!

Agora que sabem da vida ao soldado,
Escutem, attendam, verão o final.
Morreu-se sem honras, morreu-se, coitado!
Sem ter quem lhe fosse no seu funeral.
Morreu esquecido, morreu deslembrado,
Quem fôra soldado valente e leal,
Quem déra o seu sangue por vêr resgatado
O solo opprimido do seu Portugal!!

Vinguemos-lhe todos o fado inhumano,
Rezando por alma do pobre vet'rano.

L. A. Palmeirim.

Versos sem titulo.

22 Tendo-se publicado estes versos do Sr. Garrett com quatro erros de copia, porque não foi possivel mostrar as provas ao auctor, preferimos antes publica-los de novo, do que fazer essas emendas em erratum.

. . . .

Pois essa luz scintillante
Que brilha no teu semblante
D'onde lhe vem o esplendor?
Não sentes no peito a chamma
Que aos meus suspiros s'inflamma
E toda reluz d'amor?
Pois a angelica fragancia
Que te sentes exhalar?
Pois dize, a ingenua elegancia
Com que te vês ondular,
Como se baloiça a flôr
Na primavera em verdôr;
Dize, tanta gentileza
Póde dal-a a natureza?
Quem t'a deu senão amor?
Vê-te a esse espelho, querida,
Ai! vê-te por tua vida,
E diz se ha no céu estrella,
Dize se ha no prado flôr,
Que Deus fizesse tão bella,
Como te fez, meu amor?

G.

Frontão do Theatro de D. Maria II.

Sr. Redactor.

23 Impedidos pelas nossas quotidianas obrigações não podêmos ainda dar prompta resposta ácerca do que escreveu na Revista o Sr. *Abbade Castro*, tocante ao relevo do frontão do theatro de D. Maria II: o que faremos com a possivel brevidade e clareza, em vista da gravura de *Morghen*, que S. S.ª tão affoitamente se dignou mandar depositar no escriptorio do mesmo jornal, onde a fomos vêr no sabbado 11 do corrente.

Lisboa, 12 de Novembro de 1848.

De V. &c.
Francisco de Assís Rodrigues.
Antonio Manuel da Fonseca.

NOTICIAS.

Actos Officiaes.

9 a 10 de novembro.

Diario n.º 266.

24 Conta da receita e despeza dos diversos cofres de Lisboa no mez de Setembro de 1848, e da applicação que no mesmo mez tiveram as sommas á disposição do Governo. Montou a receita a réis 499:253$305 — e a despeza a 404:872$048 réis.

Rendimento do Cofre da Thesouraria Geral	147:494$308
Dito do Cofre central do Districto	61:217$181
Dito da Casa da Moeda	15:953$749
Dito da Alfandega Grande	136:742$151
Dito da dita das Sete Casas	50:714$135
Dito do Terreiro Publico	10:121$760
Dito do Correio Geral	10:718$090

Dito n.º 267.

Portaria do Ministerio do Reino louvando o zelo do Governador Civil de Vizeu na organisação da Sociedade Agricola do seu Districto, em conformidade da Portaria Circular de 4 de Outubro passado; e fazendo algumas considerações para a confecção dos estatutos da mesma Sociedade, que abaixo seguem: —

1.º Augmentar, melhorar e variar as producções agricolas.

2.º Determinar a natureza dos terrenos, sua com-

posição e culturas, que mais proficuamente nelles possam prosperar.

3.° Desenvolver e propagar a criação de gados de todas as especies.

Indagar os systemas e meios que os criadores empregam para a sua multiplicação e conhecimento das raças existentes e seu melhoramento.

Averiguar o estado dos pastos, melhorar a sua cultura, promover a dos prados artificiaes e ensaiar novas forragens e acclimatação de plantas gramineas e exoticas, tendo-se em vista, além de outra a seguinte legislação: Ord. 7 de Junho 1800 — A 20 de Junho 1774 § 6.°

4.° Promover a plantação de arvoredos, que mais possam prosperar conforme a constituição geologica do Districto, preferindo a dos que proporcionam maiores vantagens na industria: observando-se a grande cópia de uteis providencias consignadas em a nossa legislação, e instando com as Camaras Municipaes pela execução das antigas posturas sobre matas e arvoredos, ou pela promulgação de outras de novo, em vista da auctorisação que lhes confere o § 9.° do artigo 120.° do Codigo Administrativo.

5.° Vigiar pela conservação dos viveiros e plantios de amoreiras proprias para a creação dos bixos da seda, que as Camaras Municipaes devem ter effectuado ou ainda effectuarem segundo o disposto na Portaria Circular de 21 de Setembro de 1836, quando os terrenos dos respectivos Concelhos sejam para isso proprios.

Persuadir e ensinar os povos a exercerem a industria serica pelas immensas vantagens della resultantes, consultando com esse intuito a nossa legislação, que rege a materia, e propondo quanto possa tender ao desenvolvimento de tão importante ramo de industria.

6.° Calcular as subsistencias dos Districtos em relação ao consumo provavel da população do mesmo, ou propôr as medidas, que em tempo opportuno devam ser tomadas para evitar a falta ou demasiada carestia das referidas subsistencias; e bem assim as providencias efficazes para obstar ao contrabando que dellas se faz, tendo em vista o disposto nas instrucções de 31 de Março, e portarias circulares de 2 de Agosto, 30 de Setembro e 11 de Dezembro de 1841, e 10 de Maio de 1842.

7.° Auxiliar os Governadores Civis nas indagações estatisticas e formação dos correspondentes mappas das diversas producções agricolas e industriaes de que tracta a Circular de 26 de Outubro de 1835, e a Lei de 14 de Setembro de 1837 e Portarias de 17 de Julho, 10 e 29 de Agosto, 2 e 7 de Setembro, 4 e 9 de Outubro de 1848.

8.° Estabelecer bancos ruraes e caixas de auxilios ou montes de piedade (*Vide Decreto de 17 de Agosto de* 1836), de que possa aproveitar-se a agricultura, com sufficiente garantia dos ditos Estabelecimentos, e encargos mais modicos dos soccorridos.

9.° Demonstrar a utilidade resultante da conversão dos actuaes celleiros communs em bancos ruraes, procedendo-se neste ponto conforme as praxes do direito.

10.° Calcular o numero de braços, que o Districto possa necessitar para attender á sua agricultura, e, sobre-excedendo estes, qual o meio do estabelecimento de novas colonias e povoações naquelles pontos onde dellas se careça, a contento dos respectivos individuos.

11.° Propagar (quando não possa ser praticamente) por meio de descripções e estampas, o conhecimento e estudo dos instrumentos agrarios de novo descobertos, cuja applicação seja vantajosamente possivel em cada Districto.

12.° Extinguir, quanto ser possa, o pauperismo e mendicidade do Districto, procurando pelo desenvolvimento da agricultura e industria o emprego de braços válidos, coadjuvando neste particular os corpos administrativos, que nos termos do artigo 312.° do respectivo Codigo tem este objecto a seu cargo.

13.° Formular um juizo annual sobre o movimento agricola e industrial do Districto, e, em consequencia delle, indicar as medidas que possam, com aproveitamento, empregar-se para o seu desenvolvimento.

14.° Propôr ao Governo as medidas de que a agricultura careça para o seu progresso, e os premios pelos adiantamentos ou trabalhos dignos de recompensa, para serem propostos ao Corpo Legislativo.

15.° Dar uma noticia circumstanciada das feiras ou mercados do Districto — sua alteração — suppressão — ou instituição de novas.

Explosão de polvora.

25 Quinta feira, 9 do corrente, seriam pouco mais de oito horas da noite, quando nas immediações da Ribeira Nova se ouviu um estrondo como de caza que desabasse, ou polvora que se houvesse incendiado.

As pessoas, patrulhas e cabos de policia, que giravam por aquelles sitios, correram logo para o logar d'onde tinha vindo aquelle estrondo, e encontraram um desgraçado homem a correr, e com o fato, que trazia vestido, todo incendiado.

As primeiras pessoas que o viram, o tomaram ás mãos, e tractaram logo de o despojar do fato que estava a arder. Este desgraçado achava-se com as carnes quasi todas queimadas e em lamentavel estado.

É depois levado para a estação da municipal, d'onde, em maca, foi mandado para o hospital.

Deu causa a este desastre o haver-se incendiado uma porção de polvora, que não devia ser pequena, se se considerar no estrago que fez.

Este homem vendia loiça, e, segundo ahi nos disseram, parece que costumava comprar aos homens do mar cartuxos de peça com polvora, que por qualquer modo se inutilisavam a bórdo, e que lhe vinham offerecer.

Parece que n'aquella noite o desgraçado, depois de haver fechado a sua loja, fôra mecher na polvora com luz ao pé; o fogo communicou-se á polvora, que, inflammando-se, produziu aquelle estampido.

A explosão foi tal que atirou uma forte porta de madeira do Brasil, desprendendo-a dos cunhaes de pedra, ao meio da rua, e arrombou o tecto da loja, que abateu logo. A familia que morava na sobre-loja gritava pela guarda, julgando serem ladrões.

Custa a conceber como depois de tantos estragos,

causados por esta explosão, o infeliz sahisse com vida.

A loiça toda, que havia na loja, veio a terra fazendo-se pedaços.

Ao fim da loja havia um pequeno quarto, onde ainda se encontraram alguns cartuxos com polvora, e outros vasios.

* *

Reconciliação da Ermida do Cemiterio dos Prazeres.

26 No DIA primeiro do corrente foi solemnemente reconciliada a velha Ermida do Cemiterio de N. S. dos Prazeres, pelo Ex.^mo^ Arcebispo de Mitylene, com assistencia da Ex.^ma^ Camara Municipal, de SS, EEx.^as^ os Ministros do Reino e da Justiça, além de muitas pessoas de distincção que concorreram a este acto por convite da Camara.

A ermida foi apenas assoalhada e pintada singelamente, para servir em quanto se não faz a nova capella do Cemiterio.

Depois da ceremonia celebrou-se missa pontifical com musica e uma especie de sermão.

O prégador (cujo nome callâmos pelo respeito que tributamos ao sacerdocio) não disse uma palavra sequer sobre o magestoso assumpto que as singulares circumstancias d'esta festividade lhe deparavam! Começou por não saber eleger o texto do Evangelho, e depois de proferir umas quantas trivialidades affogadas em muitos epithetos ociosos, disse, entre outras taes, que elrei D. Manuel vencêra os *godos*; louvou a Camara por ter *alliciado* os fieis para aquelle acto religioso, e concluiu com uma prosopopeia em que introduzia a nação portugueza na Ermida dos Prazeres, a chorar, carregada de lucto, rompendo por entre os Vereadores até ir rojar no supedaneo do altar-mór, a pedir a N. S. já nos não lembra o quê!

É força dizer que, um prégador com tal auditorio, orando n'uma egreja que, além de ter uma lenda historica mui piedosa, é destinada só para suffragios e lamentos funebres; e onde todos os dias se vão acolher as maiores tristezas da terra — as que infunde a morte, a implorarem as maiores alegrias do céu — a salvação das almas dos que se finam; estando a ver, alli mesmo do pulpito, milhares de epitaphios, que eram outros tantos discursos que a philosophia e a religião lhe deveram sugerir, — um prégador, repetimos, que se não inspira pelo concurso de tantas circumstancias, tem as inquirições tiradas, e a vocação de todo o ponto errada!

Se o nosso Vieira dizia já, citando aquelle texto do Apostolo: *A veritate quidem auditem avertent ad fabulas autem convertentur* — «fabula tem duas significações, quer dizer fingimento, e quer dizer comedia, e tudo isto são muitas prégações d'este tempo» que não escreveria elle das que por ahi ouvimos, que são, não só comedias, mas farças?

Acabada a missa, a Camara brindou o celebrante, ministros e convidados com uma sumptuosa collacção.

Consta-nos que ao Sr. Pereira Bastos, Vereador encarregado da administração dos cemiterios, se deve a edificação com que se praticou este acto, e bem assim a religiosa determinação de se celebrar missa quotidiana, durante este mez, em todos os cemiterios da capital.

Silva Tullio.

Theatros.

27 O *Attila* não sahe do palco de S. Carlos, para onde constantemente o chamam os applausos dos espectadores. A *Sapho* saltou por tal modo que, se volta á scena, é para expirar de todo, recebendo as honras funebres de uma pateada.

O theatro de D. Maria II repetiu algumas peças do seu reportorio, e cuida em nos dar outras novas.

O Gymnasio é a *Opera* dos pobres; e não faltam abastados que lá vão passar algumas horas alegres, assistindo á representação de bastantes comedias mui chistosas.

O Salitre abriu as suas portas de máu agouro, e d'esta feita foi bem fadado, porque a maneira como a Sr.^a^ Emilia recitou os versos é cousa que se admira, mas que se não descreve. — O que sem errar se póde dizer é que só com talento, estudo e naturalidade se fazem d'aquelles milagres.

Foi applaudida com o maior enthusiasmo.

A *Lareira*, formoso conto do Sr. Palmeirim, publicado em o n.° 3 do 7.° volume da REVISTA, é, pelas variações do seu genero e pela singeleza do pensamento, uma poesia que não depende, como muitas outras, das relações que tem com os sentimentos dos que a ouvem. — Esta só depende da intelligencia e da vocação artistica de quem a póde recitar.

A *Queixa Saudosa*, poesia do Sr. João de Lemos, é uma composição linda, de elevada inspiração, como todas as que desabrocham á luz do seu maravilhoso éstro. Como cousa que a Sr.^a^ Emilia adequou á sua posição, recitou-a como se estivesse compondo, e levou a saudade até ás lagrimas, e a commoção até á perda dos sentidos.

Apezar d'isto desejavamos, e o publico tambem deseja, atinar com as causas da — *Queixa saudosa*. A poesia continha a idéa de que a patria a engeitava, e este era o seu pensamento fundamental: ora os applausos diziam o contrario; portanto, depois d'esta *queixa*, é mister que pela imprensa se façam patentes os motivos por que a S.^a^ Emilia não continua a colher na scena portugueza as palmas que já teve e as corôas de outr'ora. É já tempo de que se faça justiça a quem a mereceu.

Espectaculo edificante.

28 No DIA 9 do corrente muitos barcos de pescadores se apinharam á foz do Douro, e, ao entrarem a barra, um murmurio suave de muitas vozes chegou aos ouvidos dos que viam labotar dentro das lanchas as companhas, destacando-se em grupos pittorescos ao pé da côr escura dos bateis. O murmurio ía crescendo de intensidade á proporção que entravam no rio, porque era uma harmonia que sahia de todos esses labios. Os pescadores cantavam o *Bemdito*, porque havia muito que não tinham pesca tão feliz e abundante.

Cholera-Morbus.

29 As noticias vindas de Inglaterra pelo paquete são por extremo satisfactorias.

A Cholera tinha diminuido em Londres, a tal ponto, que já ninguem fallava nella.

Em Edimburgo a epidemia perdia rapidamente a sua força. É por tanto de esperar que dentro em pouco tenhamos a noticia de que se acha extincta de todo.

A estatistica da mortalidade comparada com a dos nascimentos, relativa á semana finda no dia 28 do passado, quando se suppunha que a epidemia ía em progresso fornece o seguinte resultado. Morreram na primeira semana 1107 cholericos, e nasceram 718 creanças do sexo masculino, e 693 do feminino — nasceu por consequencia mais gente do que morreu, o que não podia ser se a Cholera se comportasse em Londres como em toda a parte onde tem estado.

Este resultado é a melhor prova que se póde dar em favor da benignidade da epidemia, principalmente se attendermos que, á medida que ella tem descido para o sul da Europa, a sua força tem ído diminuindo cada vez mais, e se continuar assim podemos esperar que a Cholera asiatica deixe o caracter de epidemica para tomar o de esporadica.

As tropas que se acham de guarnição em Altona tiveram ordem de trazer cintos ou fachas de flanella como preservativo contra a Cholera.

Ha noticias de que a Cholera rebentára em Dunkerque, porém é mais que provavel que desta, como da outra vez não possa transpor o grande reducto que nos defende contra a invasão da França, inclusivamente as epidemicas.

Novo Convento da Trappa.

30 No dia 25 de Outubro do corrente anno, quarenta religiosos Trappistas, de Meilleray, se despediram dos seus companheiros de penitencia para irem fundar, nos Estados-Unidos da America, um novo estabelecimento denominado a Trappa de Gethsemani. Os terrenos que vae cultivar esta piedosa colonia, ficam a vinte leguas de *Louise-Ville* (Kentucky), na Diocese de Barstown. Um delles escreveu ha pouco o seguinte: — «O navio do Havre, que nos leva á America, não conduzirá senão o nosso corpo, o qual ha muito sacrificámos no altar da penitencia, pois que o coração de todos pertence e pertencerá sempre á França.»

COMMERCIO.

31

ALFANDEGA DO TERREIRO PUBLICO EM 31 D'OUTUBRO.

Generos	Moios	Preço por alqueire
Trigo	8:021	400 a 420
Cevada	2:516	200 a 230
Milho	645	320 a 340

— Cereaes em 15 de Novembro.

Trigo do reino rijo	de	340	a	410	réis	a bordo.
» » molle	de	400	a	470	»	»
» da ilha	de	330	a	380	»	»
Milho do reino	de	285	a	290	»	»
» da ilha	de	200	a	240	»	»
Cevada do reino	de	180	a	185	»	»
» da ilha	de	175			»	»
Centeio do reino	de	200	a	220	»	»

Milhos na Irlanda — lb. 8, 15 sc, a lb. 9 por tonelada.

Milhos em Liverpool — lb. 34 e 35 sc. por 480 arrateis portuguezes.

Milhos de Vianna do Minho — lb. 310 315 sc. por alqueire d'aquella medida.

Milhos na Ilha da Madeira — a 20$500 por moio,
Trigos » » — a 30$000 » »

— Na praça de Londres, foram, em 6 de Novembro, cotados os fundos publicos das differentes nações do seguinte modo:

FUNDOS INGLEZES.

Do Banco	3	p. %	187	190	Por 100.
Consolidados	3	»	$85\frac{7}{8}$	86	»
Redusidos	3	»	$84\frac{5}{8}$	85	»
Fundos	$3\frac{1}{4}$	»	$85\frac{1}{4}$	$\frac{1}{2}$	»
Exchequer bills			36	40 março	Premio.
			34	38 junho.	

ESTRANGEIROS.

Belgas	$4\frac{1}{2}$	»	70	73	»
Brasileiros	5	»	72	74	»
Dinamarquezes	3	»	—	—	»
Hispanhoes	5	»	11	$11\frac{1}{2}$	»
Ditos	3	»	23	$\frac{1}{2}$	»
Hollandezes	5	»	$69\frac{1}{4}$	$\frac{3}{4}$	»
Ditos	2	»	$45\frac{1}{2}$	46	»
Mexicanos	5	»	$20\frac{5}{8}$	$\frac{7}{8}$	»
Portuguezes	4	»	23	24	»
Ditos consolid. 1841	—		22	23	»
Ditos divida interna	—		Sem preço.		—
Russos	5	»	97	100	»

— Na mesma praça foram cotados os cambios para com as outras praças do modo seguinte:

CAMBIOS.

Lisboa		$51\frac{7}{8}$		Por 1$000 rs.
Porto		$51\frac{7}{8}$		»
Rio de Janeiro		23	$\frac{1}{2}$	»
Bahia		—	—	—
Amsterdam	12		$\frac{1}{2}$	£
Hamburgo	13	$10\frac{3}{4}$	$11\frac{1}{4}$	»
Paris	25	45	50	»
Genova	26	10	20	»
Trieste	Sem cotações.			»
Vienna	Sem cotações.			»
Madrid	47	$\frac{1}{4}$		Pezo.
Cadiz		48	$\frac{1}{2}$	»
Calcutta	21	$\frac{1}{2}$		Rs.
Bombaim		$21\frac{1}{2}$		»
Madras		21		»

— Generos em Londres em 6 de Novembro.

Algodão de Pernambuco ...	$4\frac{3}{4}$	$5\frac{3}{4}$	£	Mais firme.
» do Maranhão......	4	5	»	
» da Machina	$3\frac{5}{8}$	$4\frac{1}{4}$	»	
» da Bahia	$4\frac{3}{4}$	$5\frac{1}{4}$	»	
Assucar branco	37	42	»	Dito.
» mascavado	31	37	»	
Arroz do Brasil	8	13	»	Dito.
» da India	8	13	»	
» de Java...........	8	13	»	
Café do Brasil............	24	29	»	
» » lavado.....	30	48	»	Froixo.
Cacáo »	29	30	»	
Couros seccos do Rio Grande	3	6	»	
» salgados »	2	$3\frac{1}{4}$	»	

METAES PRECIOSOS.

Oiro, em barra, do estandarte.......	77/9	Por onça.
Portuguez em moeda	77/5	»
D.º em d.ª nova e do Brazil..,	77/0	»
Onças hispanholas	74/6	»
» Patrias...............	73/6	»
Prata em barra, do estandarte.......	4|» 5/8	»
Patacas das Republicas...............	4/9 3/4	»
Columnares	4/9 7/8	»

— Praça de Lisboa 15 de Novembro.

Fundos Publicos de 5 por cento 47 a $47\frac{1}{2}$ por cento, Cautellas de 3 por cento $32\frac{1}{2}$. As transacções em fundos publicos, bem como em outros papeis de credito, foram de pouco vulto. Em Acções do Banco de Portugal realisaram-se no dia 14 algumas vendas a 480$000, e hoje não havia vendedores para menos de 485$000.

— Agio das Notas do Banco de Lisboa de 9 a 15 de Novembro.

	Por moeda. Compra.	Venda.
Novembro 9	1$940	1$900
» 10	1$920	»
» 11	1$930	»
» 13	»	»
» 14	1$920	»
» 14	»	»

— Cambios effectuados em 11 de Novembro.

Londres	3 d v	$52\frac{1}{2}$
	30 d v	$52\frac{5}{8}$ a 53
	60 d v	$52\frac{3}{4}$ » 53
	3 d v	$52\frac{3}{4}$ » $53\frac{1}{4}$
Paris..	3 d v	540
	100 d v	533

Correspondencia.

32 . As cartas ou noticias que para esta parte da Revista se dignem communicar-nos, tanto os Srs. Negociantes como as pessoas que o não forem, quando nos não sejam pessoalmente entregues, convem muito que se recebam no Escriptorio até ao meio dia de cada quarta feira.

O muito que presamos e agradecemos estas noticias, de tanta vantagem publica e particular, nos faz esperar que os nossos rogos irão sendo mais vivamente attendidos, e que o seu numero crescerá como desejamos.

— Escrevem-nos de Londres em 4 do corrente.

Apezar do aspecto ameaçador dos negocios da Allemanha, e o estado de incerteza da eleição do presidente da republica franceza, os consolidados conservaram os seus preços na ultima semana, em consequencia da abundancia dos capitaes desempregados. Os preços fluctuaram entre $85\frac{3}{4}$ a 86, fechando-se a $85\frac{7}{8}$. Os fundos subiram a $86\frac{1}{8}$. Os consolidados continuaram a subir, bem como os *exchequer bills* e os *bonds indianos*.

O commercio de cereaes na ultima semana foi limitadissimo.

O chá tem tido compradores, apezar de haver entrado muito.

O assucar conserva os seus preços.

O mercado está bem provido de arroz.

O commercio do ferro segue bastante animado.

— París, 5 de Novembro.

O commercio de algodões no Havre, a 24 do corrente, esteve froixo, mas o do ferro teve alguma animação, com as remessas de Londres e S. Petersburgo.

O dos trigos n'esta cidade está em apathia.

As vendas de bens nacionaes, sobretudo das florestas, teem sido productivas.

O governo anima com todos os meios ao seu alcance o estabelecimento das vias ferreas, que não são poucas.

Em Gand, na Belgica, vae-se estabelecer uma exposição dos productos manufacturados de lã, algodões e seda.

Em Rouen, a 30 do corrente, os negocios de tecidos estavam bastante animados; bem como os dos algodões n'esta mesma data no Havre. As vendas subiram a 3.400 ballas, e os preços tiveram uma alta de franco e meio, havendo poucos vendedores.

As forjas de Saint Dizier trabalham incessantemente, sem poderem aviar as encommendas.

O commercio de metaes em Marselha vae-se animando.

O trigo promette baixa nos preços.

Os fundos ficavam em 4 do corrente do modo seguinte:

3	por cento	42	francos	30	centimos
$4\frac{1}{2}$	»	53	»	30	»
5	»	66	»	75	»
5	novo emprestimo	66	»	90	»
Acções do Banco		1.400	»		

— Bahia 20 de Setembro.

O mercado dos vinhos está aqui alguma coisa paralisado, mormente os vindos da Figueira. — Os ge-

neros indigenas tem subido, e o assucar é muito procurado. Estão á carga bastantes navios inglezes, e o frete desceu de 5 libras por tonellada a 2 ½ libras.

— Coimbra 8 de Novembro.

Trigo por alqueire 340. Milho 230. Cevada 160. Centeio 240. Batatas 120. Azeite 1$160. Comparando estes preços com os do fim do mez passado, se vê que o trigo baixou 20 réis por alqueire, o milho 30 réis, e o centeio 20 réis. A cevada e o azeite sustentaram os preços.

Desconto de Notas, compra 1$980 por moeda, venda 1$850.

— Porto 11 de Novembro.

A corrente do Douro vae augmentando, mas por emquanto não é extraordinaria.

Trigo por alqueire, da terra 600 a 700, das ilhas 480 a 520. Milho 340 a 350. Centeio 340 a 350. Cevada 240 a 260.

Falleceu o negociante Fortunato Pereira Rebello.

Houve algumas vendas de vinho. O Sr. Ribeiro de Faria vendeu o que lhe restava, que eram perto de 200 pipas: o preço foi regular.

BIBLIOGRAPHIA.

33 Instrucções ou preceitos que se devem adoptar contra a Cholera-Morbus. — Nas quaes se indica o regimen a seguir antes de apparecer aquella doença, e os primeiros soccorros que, na sua invasão, convém logo subministrar. Para uso do Povo Portuguez, publicadas pela Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa. — Vende-se no local da Sociedade, travessa de S. Nicolau, n.º 35, 2.º andar. — Na rua dos Fanqueiros, n.º 109 e 110, Botica do Sr. Belém. — E na rua Augusta, n.º 8. — Preço 60 rs.

—

A Liga, Jornal dos Interesses Economicos, por uma Sociedade de Economistas, n.º 1. — Sáe todos os sabbados, e consta de oito paginas de impressão em grande formato. Assigna-se na rua Augusta, n.º 8, loja de Lavado; por 1:440 rs. por anno, 800 rs. por semestre, 480 rs. por trimestre, e 200 rs. por mez; n.º avulso 50 rs. Este numero contém: *Introducção* pelo Sr. José Maria da Silva Leal, tractando do plano do Jornal, e dos pontos que pertende estudar. — Da *Economia Politica* pelo Sr. Polycarpo Francisco Lima. — O *Correio* pelo Sr. Claudio Adriano da Costa. Este artigo contém dados estatisticos sobre o Correio em varias nações, e tambem em Portugal. — *Liga Promotora dos Interesses Materiaes do Paiz*, artigo de simples noticia. — *Chronica* em que se tracta dos Theatros, das Philarmonicas, e da Phoca.

—

O Lavrador perfeito, ou Novo tractado de Lavoira. — Obra dividida em tres partes. — Na primeira tracta-se das sementeiras, virtudes das sementes, e como se preservam da corrupção. — Na segunda das vinhas, oliveiras e mais arvores de fructa, e remedios para as suas molestias. — Na terceira de todo o gado maior e menor, e mais animaes domesticos, suas virtudes, e cura das enfermidades, e das colmeas, etc.; augmentada com a descripção dos instrumentos agricolas mais modernos, e ornada de 12 estampas coloridas.

Subscreve-se para esta obra com 240 réis pagos adiantados, cuja obra deitará 240 paginas, e será depois vendida avulso por 480 réis. A grande differença de preço para as pessoas que subscreverem, deve de certo mover a curiosidade de quererem assignar todas as pessoas que a desejarem possuir.

As assignaturas sómente se recebem em Lisboa na loja de Bordallo, rua Augusta n.º 195; no Porto, na de Cruz Coutinho; e em Coimbra, na de José de Mesquita, cujas lojas ficam responsaveis pela importancia das assignaturas.

—

Golpe de vista sobre as aguas mineraes nativas e artificiaes — por Antonio José de Souza Pinto. É um pequeno opusculo em que se trata da sua composição, do modo de as conservar, da sua classificação etc.

—

Memoria sobre a desinfecção dos hospitaes, cadeias e mais logares etc. — por Antonio José de Sousa Pinto. É um pequeno opusculo que deve ser lido.

—

The Young Countess, Mrs. Trollope's, New Novel. — 3 vol.

Zoological Recreations, By W. J. Broderip.

The Poetry of Sciences; Studies of the physical Phenomens of Nature, By Robert Hunt, — 1 vol. in 8.º

Akerman's Numismatic Manual. — 1 vol. in 8.º

—

O Mestre de Calatrava, Romance Historico por Ayres Pinto de Souza Mendonça e Menezes.

Espectador, n.º 7.

Jardim das Damas, n.º 20.

Expediente.

ESCRIPTORIO — Rua dos Fanqueiros n.º 82.
Correspondencia franca de porte — ao Redactor e Proprietario da Revista Universal Lisbonense.

Assignatura.

Doze numeros.............	$600 réis.
Vinte e quatro ditos	1$200 »
Quarenta e oito ditos.......	2$400 »

Por assignatura sahe cada n.º a 50 réis: *avulso* vende-se por 80 réis.

De qualquer ponto do reino, assigna-se por meio de carta, e em Lisboa no Escriptorio e na Rua Augusta n.º 8, e nas mais lojas em que se annunciar. A Empreza tem correspondentes em todos os Districtos do Reino, Ilhas, e nos Portos do Brazil.

Todos os artigos, não assignados ou marcados, pertencem á Redacção.

—

Agradecemos e serão publicadas: *As Poesias do Sr. Ayres Pinto de Souza.*

Mortes apparentes e enterramentos prematuros, pelo Sr. Frazão.

Poesia assignada com um X.